

## PRELÚDIO

Mr. Sniggs, o Deão mais novo, e Mr. Postlethwaite, o Tesoureiro, estavam sentados no quarto de Mr. Sniggs que dava para o pátio, no Scone College. Dos aposentos de Sir Alastair Digby-Vane-Trumpington, a duas escadarias de distância, vinha um barulho confuso de vidros partidos. De entre os Superiores do Scone só eles dois estavam em casa, pois era a noite do jantar anual no Bollinger Club. Os outros estavam dispersos por Boar's Hill e pela zona norte de Oxford em pequenas festas alegres e agitadas, ou encontravam-se noutros aposentos comuns, ou ainda em reuniões de sociedades eruditas, pois o jantar anual no Bollinger é um momento difícil para quem manda.

Não é exacto chamar-lhe um acontecimento anual, porque o Clube é frequentemente encerrado por alguns anos após cada reunião. Existem tradições por trás do Bollinger; entre os seus antigos membros, contam-se reis no poder. No último jantar, três anos antes, tinham trazido uma raposa numa jaula e tinham-na morto atirando-lhe garrafas de champanhe. Que noite aquela! Desde então, era esta a primeira reunião e antigos membros vindos de toda a Europa tinham-se reunido para a festa. Durante dois dias foram chegando a Oxford: realezas epilépticas vindas das suas mansões do exílio; nobres rústicos vindos de remotas paragens; jovens afáveis de gostos duvidosos vindos de embaixadas e delegações; proprietários rurais quase analfabetos oriundos das graníticas casas das Highlands; jovens advogados ambiciosos e candidatos conservadores arrancados à «saison» londrina e aos descarados galanteios às meninas debutantes; tudo o que havia de mais sonoro de nome e de título ali se encontrava para a festança.

— As multas! — disse Mr. Sniggs, esfregando delicadamente o cachimbo nas asas do nariz. — Caramba! As multas que vai haver depois desta noite!

Nas caves dos aposentos comuns existe um vinho do Porto muito caro que só é trazido para cima quando as multas atingem as 50 libras.

— Vamos ter pelo menos para uma semana — disse Mr. Postlethwaite — uma semana de vinho do Porto Fundador.

Podia agora ouvir-se um som mais agudo vindo dos aposentos de Sir Alastair; quem já o tenha ouvido encolhe-se todo só com a lembrança; é o som das famílias finas inglesas aos gritos por causa dos vidros partidos. Em breve todos viriam para o pátio aos tropeços, corados e barulhentos nos seus fatos de cerimónia verde-garrafa, para o verdadeiro gozo da noite.

— Não achas que seria mais prudente fechar a luz? — disse Mr. Sniggs.

Na escuridão os dois professores deslizaram para a janela. Em baixo o pátio era um caleidoscópio de caras que mal se distinguiam.

— Devem ser pelo menos cinquenta — disse Mr. Postlethwaite. — Se ao menos fossem todos desta Faculdade! Cinquenta cabeças a dez libras cada. Caramba!

— Se atacarem a Capela ainda será mais — disse Mr. Sniggs. — Meu Deus, fazei com que ataquem a Capela.

— Quem serão neste período os alunos de quem não gostam? Atacam sempre os quartos deles. Espero que tenham tido o bom senso de sair esta noite.

— Acho que o Partridge é um deles. Tem um quadro de Matisse ou de alguém parecido.

— E ouvi dizer que tem lençóis pretos na cama.

— E o Sanders foi uma vez jantar com o Ramsay MacDonald.

— E o Rending pode dar-se ao luxo de caçar mas em vez disso prefere coleccionar porcelanas finas.

— E fuma charuto no jardim depois do pequeno-almoço.

— O Austen tem um piano de cauda.

— Como eles vão gostar de o esmigalhar...

— Por hoje vai ser uma conta calada; vais ver! Mas confesso que me sentiria mais à vontade se o Deão ou o Reitor cá estivessem. Não nos podem ver aqui, pois não?

Foi uma noite encantadora. Partiram o piano de cauda de Mr. Austen, esmagaram os charutos de Lord Rending no tapete, partiram-lhe as

porcelanas, rasgaram os lençóis de Mr. Partridge e meteram o Matisse no jarro da água; Mr. Sanders não tinha nada para partir a não ser as janelas, mas encontraram o manuscrito em que ele estivera a trabalhar para o Prémio de Poesia de Newdigate e fartaram-se de se divertir com ele. Sir Alastair até se sentiu mal de tanta excitação e foi para a cama ajudado por Lumsden de Strathdrummond. Eram onze e meia. Em breve a noite acabaria. Mas uma pequena surpresa estava ainda para vir.

\*

Paul Pennyfeather era estudante de Teologia. Era o seu terceiro ano de residência pacata em Scone. Tinha ido para lá depois de uma digna carreira num pequeno colégio de tendências religiosas, em South Downs, onde editara a revista periódica, fora Presidente da Debating Society e, segundo a sua folha de serviços, «tinha exercido uma grande influência para o bem» no internato onde era chefe de turma. Na terra natal vivia em Onslow Square com o seu tutor, um próspero solicitador que estava orgulhoso com os seus progressos e incrivelmente aborrecido com a sua companhia. Os pais tinham ambos morrido na Índia na altura em que ele ganhara o prémio de ensaio na escola preparatória. Durante dois anos vivera à sua custa, com a ajuda de duas boas bolsas de estudo. Fumava três onças de tabaco por semana — John Cotton, Médio — e bebia caneca e meia de cerveja por dia, meia ao almoço e a caneca ao jantar, refeição esta que fazia invariavelmente no Hall. Tinha quatro amigos, três dos quais haviam andado com ele na escola. Ninguém do Bollinger Club tinha jamais ouvido falar de Paul Pennyfeather, e este, estranhamente, nunca tinha ouvido falar deles.

Mal fazendo ideia das consequências incalculáveis que essa noite havia de ter para ele, regressou de bicicleta, feliz e contente, de uma reunião da União da Liga das Nações. Tinha aparecido um artigo muito interessante sobre os plebiscitos na Polónia. Ia a pensar em fumar uma cachimbada e ler mais um capítulo da *Forsythe Saga* antes de ir para a cama. Bateu ao portão, entrou, arrumou a bicicleta e timidamente, como sempre, atravessou o pátio em direcção aos seus aposentos. Tanta gente que andava por ali! Paul não tinha nada contra as bebedeiras — tinha lido um artigo bastante ousado da Sociedade Thomas More sobre o assunto — mas tinha muito medo dos bêbedos.

Da escuridão da noite veio cambaleando ao seu encontro, como uma pedra rolante dos druidas, Lumsden de Strathdrummond. Paul tentou passar.

Ora acontecia que a gravata do antigo colégio de Paul era notoriamente parecida com a branca e azul-clara do Bollinger Club. A diferença de um quarto de polegada na largura das riscas não era coisa que Lumsden de Strathdrummond pudesse notar.

— Aqui está um tipo horrível com a gravata do Boller — disse o proprietário rural. Não era por acaso que a sua família tinha ditado leis sobre milhas e milhas de charnecas áridas que nem vinham no mapa.

Mr. Sniggs olhou com apreensão para Mr. Postlethwaite.

— Parece que apanharam alguém — disse. — Espero que não lhe façam mal.

— Santo Deus, será o Lord Rending? Acho que tenho de intervir.

— Não, Sniggs — disse Mr. Postlethwaite, pondo a mão no braço do impetuoso colega. — Não, não e não. Seria insensato. Temos de ter em atenção o prestígio da área comum dos Superiores. No estado em que estão podem nem acatar ordens. Temos de evitar a todo o custo um *outrage*.

Daí a pouco a multidão dispersou e Mr. Sniggs deu um suspiro de alívio.

— Mas está bem. Não é o Rending. É o Pennyfeather, que não interessa nada.

— Bom, isso poupa-nos muitos incómodos. Ainda bem, Sniggs; ainda bem mesmo. Parece que o rapaz perdeu uma data de roupa!

\*

Na manhã seguinte houve uma adorável reunião da Faculdade.

— Duzentas e trinta libras — murmurou o Tesoureiro em êxtase —, sem contar com os estragos! Quer dizer cinco noites com o que já recebemos. Cinco noites de Porto Fundador!

— O caso do Pennyfeather — dizia o reitor — parece ser assunto à parte. Atravessou a correr todo o pátio sem calças, segundo vocês dizem. É impróprio. Mais: é indecente. Na verdade, quase direi que é escandalosamente indecente. Não é comportamento que se espere de um intelectual.

— E se lhe pregássemos uma grande multa? — sugeriu o Deão mais novo.

— Duvido muito que ele pudesse pagar. Acho que não é abonado. *Sem calças*, realmente! E àquela hora da noite! O que penso é que faríamos muito melhor em nos livrarmos dele. Este gênero de pessoa não faz bem nenhum à Faculdade.

\*

Duas horas depois, quando Paul estava a meter as suas três malas de mão no pequeno baú de couro, recebeu recado do Tesoureiro de que queria falar com ele.

— Ah! Mr. Pennyfeather — disse ele —, estive a examinar os seus aposentos e notei duas pequenas queimaduras, uma no peitoril da janela e outra por cima do fogão de sala, sem dúvida de pontas de cigarro. Vou cobrar-lhe cinco xelins e seis dinheiros por cada uma. E é tudo, muito obrigado.

Quando atravessava o pátio, Paul deu de caras com Mr. Sniggs.

— Vai agora embora? — disse o Deão mais novo sorridente.

— Vou, sim — disse Paul.

E um pouco mais adiante encontrou o Capelão.

— Oh, Pennyfeather, antes de se ir embora, com certeza que tem o meu exemplar da *Eastern Church* de Dean Stanley?

— Tenho, sim, deixei-o sobre a mesa.

— Obrigado. Então adeus, meu rapaz. Julgo que depois daquele caso condenável da noite passada vai ter de pensar noutra profissão. Bem, pode alegrar-se por ter descoberto a sua inaptidão para o sacerdócio antes que fosse tarde de mais. Se um sacerdote faz uma coisa daquelas, bem vê, toda a gente o sabe. E tantos o fazem, valha-me Deus! O que é que tenciona fazer?

— Ainda não sei bem.

— Há sempre o comércio, está claro. Talvez você consiga levar para o grande mundo dos negócios alguns ideais que aprendeu aqui. Mas não vai ser fácil, sabe... É uma coisa para ser encarada com coragem. O que foi que disse o Dr. Johnson sobre força moral? Santo Deus! *Sem calças!*

Ao portão Paul deu uma gorjeta ao porteiro.

— Então adeus, Blackall — disse. — Acho que não vou voltar a vê-lo durante uns tempos.

— Pois não, e muita pena tenho de saber isso. Espero que venha a ser mestre-escola. É o que fazem quase todos os senhores que são expulsos por mau comportamento.